



Eixo Temático: Educação e Formação de Professores

A CARTA PEDAGÓGICA COMO DISPOSITIVO DIALÓGICO:

escuta, reflexão e convite ao encontro com diálogos freireanos
na tessitura da esperança

THE PEDAGOGICAL LETTER AS A DIALOGICAL DISPOSITIVE:

listening, reflection, and invitation to encounter with Freirean dialogues in the weaving
of hope

Bruna Barboza Trasel Schönwald¹
Maria Regina Johann²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar os pressupostos da Pedagogia Freireana, com ênfase no uso das cartas pedagógicas como forma de comunicação entre educadores, pesquisadores e leitores interessados na Educação. Fundamentado nos escritos de Paulo Freire (1921–1997), o texto discute o papel do diálogo como eixo central da prática pedagógica e analisa como o gênero epistolar, apropriado por Freire, transforma-se em um dispositivo de reflexão, escuta e construção coletiva do conhecimento. A pesquisa é qualitativa, a metodologia é a Análise de Conteúdo Temática por Frequência de Ocorrência de Laurence Bardin a partir da análise de três cartas pedagógicas. Nesse contexto, a carta pedagógica é compreendida como um convite à interlocução contínua, em que onde o/a leitor/a é instigado a tornar-se autor/a, perpetuando o ciclo dialógico que caracteriza a educação libertadora.

Palavras-chave: Diálogo. Carta pedagógica. Educação libertadora. Comunicação.

ABSTRACT

This article aims to present the assumptions of Freirean Pedagogy, with emphasis on the use of pedagogical letters as a form of communication among educators, researchers, and readers interested in Education. Based on the writings of Paulo Freire (1921–1997), the text discusses the role of dialogue as the central axis of pedagogical practice and analyzes how the epistolary genre, adopted by Freire, becomes a device for reflection, listening, and the

¹ Doutoranda em Educação nas Ciências (UNIJUI). Membro do grupo de estudos “Infâncias Brasileiras: temas emergentes e desafios à Formação e à Educação”. E-mail: bruna.trasel@sou.unijui.edu.br

² Professora do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências (UNIJUI). Coordenadora do grupo de estudos “Infâncias Brasileiras: temas emergentes e desafios à Formação e à Educação”. E-mail: maria.johann@unijui.edu.br



collective construction of knowledge. The research is qualitative, and the methodology is Thematic Content Analysis by Frequency of Occurrence by Laurence Bardin based on the analysis of three pedagogical letters. In this context, the pedagogical letter is understood as an invitation to continuous interaction, where the reader is encouraged to become an author, perpetuating the dialogical cycle that characterizes liberating education.

Key words: Dialogue. Pedagogical letter. Liberating education. Communication.

INTRODUÇÃO

A obra de Paulo Freire é marcada por uma profunda valorização do diálogo como fundamento da prática educativa. Em seus escritos, especialmente nas cartas pedagógicas, o autor constrói pontes entre teoria e prática, entre educador e educando, entre o saber instituído e o saber vivido. Este texto propõe uma análise dos pressupostos da Pedagogia Freireana, destacando o uso da carta como dispositivo pedagógico e comunicativo, capaz de fomentar reflexões e promover a continuidade do pensamento crítico na Educação.

A Pedagogia Freireana parte do princípio de que o conhecimento é construído na relação entre sujeitos. Educador e educando compartilham saberes, experiências e inquietações, num processo de ensino-aprendizagem que se dá simultaneamente. Como afirma Freire (1996, p. 79), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, essa perspectiva assume a formação como um processo cooperado e intersubjetivo.

Entre os principais pressupostos dessa pedagogia, destacam-se a dialogicidade, a consciência crítica, a afetividade e a escuta. O diálogo é a essência da prática educativa. Não se trata de mera troca de palavras, mas de um encontro entre sujeitos que se reconhecem como inacabados e abertos à aprendizagem. A educação necessita promover a leitura do mundo, permitindo que os sujeitos compreendam as contradições sociais e atuem para transformá-las. O educador freireano é aquele que escuta com sensibilidade, reconhece o outro em sua integralidade e constrói com ele um caminho de libertação, que pressupõe alcançar a condição de autonomia e cidadania.

Nesta perspectiva, diálogo é ponte, é caminho, é condição para a compreensão, por



isso Freire nos diz que “ensinar exige diálogo”, porém em se tratando de educação esse diálogo necessita ser entendido em sua perspectiva formativa, ou seja, constitutiva de processos pedagógicos. Infelizmente, a falta de diálogo expôs o Brasil a episódios tristes que ficarão marcados na história. Relembrando seu recado, “agora, tantos anos depois e cada vez mais convencido do quanto devemos lutar para que nunca mais, em nome da liberdade, da democracia, da ética, do respeito à coisa pública, vivamos de novo a negação da liberdade, o ultraje à democracia [...]”, (Freire, 2016, p.86). Por esta e outras razões, é tão importante a educação progressista, por Freire anunciada.

Embora no contexto de Freire, também fora mobilizado como ferramenta política e pedagógica a , como podemos constar nas Cartas Pedagógicas, objeto dessa escrita, podem ser considerada como um dispositivo, dispositivo dialógico, uma vez que Freire apropria-se do gênero epistolar³ e o ressignifica como ferramenta pedagógica. Suas cartas, como em Cartas à Guiné-Bissau (1977) e Cartas à Cristina (1994), não são apenas textos informativos, mas convites ao diálogo, à reflexão e à ação.

A carta pedagógica, nos moldes utilizados na Pedagogia Freireana, possui características que a tornam singular: a intencionalidade comunicativa, a interlocução aberta, o estímulo incansável à autoria docente. Evidencialmente, quem escreve espera uma resposta, mesmo que esta não venha de forma imediata. Há uma expectativa de continuidade. Além disso, o destinatário é, muitas vezes, coletivo e indeterminado. Pode ser um educador, um estudante, um pesquisador ou qualquer sujeito interessado na Educação.

Ao provocar reflexões, a carta incita o leitor a escrever, a responder, a tornar-se autor de sua própria narrativa pedagógica, este estímulo à autoria se revela nas palavras de Freire (1997): escrever é um ato de coragem, de exposição, de entrega. A carta, nesse sentido, é assumida como um âmbito de abertura; uma forma de entrega que busca o outro, que deseja ser lida, compreendida e continuada.

³ Em diferentes momentos do texto as cartas serão citadas como sinônimo de gênero epistolar pelas suas características enquanto cartas pedagógicas, cuja fluidez da escrita se dá apesar da sua formalidade. Cabe mencionar que a palavra “epístola” vem do grego *epistolé*, que significa “carta”, “mensagem” ou “despacho”. Em hebraico, o termo equivalente é *iggerah*, também significando carta formal. Diferente de cartas comuns, as epístolas têm caráter instrutivo e autoritativo, geralmente com tom de professor para aluno, transmitindo ensinamentos e orientações espirituais.



A prática epistolar freireana carrega uma esperança: a de que o diálogo nunca se encerre. Cada carta escrita é uma semente lançada ao solo fértil da escuta e da reflexão. O leitor, ao receber a carta, é convidado a continuar o diálogo, a escrever sua própria resposta, a perpetuar o ciclo comunicativo. Essa perspectiva dialogal rompe com a ideia de comunicação unilateral e institui uma pedagogia da escuta, da resposta e da coautoria. A carta pedagógica, portanto, é mais do que um texto: é um gesto político e educativo que afirma a possibilidade de transformação por meio da palavra.

Ao conceber a carta pedagógica como dispositivo diálogo e a utilizar como meio de propagação de uma Pedagogia participativa - a pedagogia-em-participação - potencializamos o cerne de ambas: a democracia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho constitui um recorte da pesquisa intitulada *“PEDAGOGIA-EM-PARTICIPAÇÃO: problematizando pressupostos teóricos e práticas através de cartas pedagógicas de professoras de uma Escola de Educação Infantil no município de Ijuí-RS”*. A investigação foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, com ênfase na análise documental e bibliográfica, articulada à prática epistolar das professoras participantes.

O corpus da pesquisa foi composto por cartas pedagógicas elaboradas no contexto da escola de Educação Infantil, além do estudo de textos de Paulo Freire, como *Cartas a Cristina*, *Pedagogia da Esperança* e *Pedagogia da Pergunta*. A escolha desse material se justifica pela potência da escrita epistolar como recurso de comunicação e formação, capaz de revelar intencionalidade, afeto e compromisso pedagógico.

A coleta de dados envolveu a leitura sistemática das cartas produzidas pelas professoras a partir do questionamento *“Ao iniciarmos juntos essa caminhada de estudos sobre a Pedagogia-em-Participação, o que você espera aprender, sentir ou transformar em sua prática educativa? Que sementes você deseja cultivar ao longo dessa trajetória compartilhada?”* enviado na primeira carta pedagógica que as professoras receberam no



primeiro encontro, seguida da seleção de trechos que evidenciam o papel da carta pedagógica como dispositivo de diálogo e reflexão crítica. Essa etapa foi orientada por critérios de pertinência e frequência de ocorrência da temática, privilegiando passagens que revelassem práticas de horizontalidade e de construção coletiva do conhecimento, assim categorizadas e posteriormente, codificadas e interpretadas, após foi realizada a leitura das obras freireanas.

A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo temática por frequência de ocorrência (Bardin, 2011, p.23), permitindo a categorização de elementos recorrentes, como Participação da Criança, Acolhimento e Afeto, Educação Transformadora, Escuta e Diálogo, Valorização da Educadora, Imaginação e descobertas. Além disso, adotou-se uma perspectiva que considera o contexto histórico e social das produções, tanto das professoras quanto de Freire, de modo a compreender o sentido político e pedagógico das cartas.

Por fim, a interpretação buscou articular os achados com a literatura crítica sobre educação e com os pressupostos da pedagogia freireana, estabelecendo conexões entre a prática epistolar das professoras de Ijuí e os desafios contemporâneos da educação infantil. Essa triangulação metodológica assegurou maior rigor e profundidade à análise, permitindo que as cartas fossem compreendidas não apenas como registros escolares, mas como práticas vivas de participação e emancipação.

Com isso, conseguimos categorizar da seguinte forma:

Categoria	Frequência de Ocorrência	Trechos Analisados
Participação da criança	3 (Carta 1, Carta 2, Carta 3)	- “Olhar a criança como protagonista do processo educativo.” (Carta 1) - “Valoriza a infância e o que lhe constitui.” (Carta 2) - “Liberdade de ser quem elas são.” (Carta 3)



Acolhimento e afeto	3 (Carta 1, Carta 2, Carta 3)	- “Espaço mais acolhedor e participativo.” (Carta 1) - “Educar é um ato de amor.” (Carta 2) - “Construir sempre um lugar acolhedor... carinho, afeto, atenção.” (Carta 3)
Educação transformadora	2 (Carta 2, Carta 3)	- “Educação transformadora... ato de amor.” (Carta 2) - “Dar sentido aos seus anseios e descobertas.” (Carta 3)
Escuta e diálogo	2 (Carta 1, Carta 2)	- “Valorizando a escuta atenta.” (Carta 1) - “Escuta sensível, criatividade, respeito.” (Carta 1) - “Aprendemos com Paulo Freire, que educar é um ato de amor.” (Carta 2)
Valorização da educadora	2 (Carta 2, Carta 3)	- “Me sentir capaz de atuar como uma verdadeira educadora.” (Carta 2) - “Fortalecendo suas habilidades, dando sentido aos seus anseios.” (Carta 3)
Imaginação e descobertas	2 (Carta 1, Carta 3)	- “Cultivar... criatividade, respeito com a infância e suas pequenas descobertas.” (Carta 1) - “Desperte interesse e desenvolva a imaginação.” (Carta 3)

Quadro 1: Análise de Conteúdo das cartas pedagógicas categorizadas por temática e frequência de ocorrência

Fonte: Autora (2026)

A síntese interpretativa nos leva a considerar que as três cartas convergem em torno da centralidade da criança e da afetividade como pilares da prática pedagógica, evidenciando a imaginação e descobertas são vistas como motores do desenvolvimento infantil. Além disso, há uma forte presença da ideia de acolhimento e participação, reforçando a dimensão humana da educação e que é fortalecida pela premissa de que a educação transformadora, que na análise aparece como horizonte ético e político, especialmente em Carta 2 e Carta 3.

Acrescenta-se a isso, que a escuta e o diálogo são destacados como práticas



fundamentais para a construção de aprendizagens significativas e a valorização da(s) educadora(s) e o reconhecimento de sua trajetória aparecem como elementos de identidade profissional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados evidenciam que a Carta pedagógica, tanto na prática freireana quanto na experiência das professoras de Ijuí, transcende a função de simples registro escrito. Ela se configura como espaço de encontro e diálogo entre educador e educando, reafirmando a concepção de Freire. Podemos observar no quadro acima que a análise mostrou que as cartas não se limitam à transmissão de conteúdos, mas funcionam como convites à reflexão crítica e à ação transformadora. Em *Pedagogia da Esperança*, o educador afirma: “*a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem*” (Freire, 1992, p. 45). Essa perspectiva se materializa nas cartas das professoras, que, ao escreverem, não apenas informam, mas provocam questionamentos e estimulam a autoria própria.

Outro aspecto relevante é a dimensão humanizadora da escrita epistolar. Ao se dirigir às crianças de forma horizontal, as professoras reconhecem-nas como sujeitos históricos capazes de transformar sua realidade. Essa postura dialoga diretamente com a afirmação de Freire: “*É preciso que o educador se ache, desde o começo, com o educando, em comunhão, para que ambos se tornem, juntos, sujeitos do processo*” (Freire, 1987, p. 69).

As cartas também carregam uma pedagogia da esperança, pois não se limitam a informar sobre, mas buscam despertar consciência e provocar reflexões sobre o papel da educação infantil na formação cidadã. Essa intencionalidade se traduz em um gesto político, que reafirma a educação como prática de liberdade e como espaço de construção coletiva do conhecimento.

Os resultados indicam que a carta pedagógica é um legado vivo da prática freireana, capaz de inspirar educadores contemporâneos. No caso da escola de Ijuí, as professoras



utilizaram esse recurso para fortalecer vínculos com sua própria aprendizagem, promovendo o diálogo e assegurando que a educação se mantenha como processo humanizador e colaborativo. Essa prática projeta futuro, alimenta esperança e reafirma a crença na capacidade transformadora da educação. Além disso, a discussão evidencia que a carta pedagógica não é apenas memória ou registro, mas uma prática que se atualiza constantemente. Ao escrever, as professoras reinventam suas formas de comunicação, tornando a carta um dispositivo potente para enfrentar os desafios da educação infantil contemporânea. Nesse sentido, a prática epistolar reafirma o compromisso ético e político da pedagogia freireana, que continua a inspirar práticas educativas voltadas para a emancipação e a liberdade.

Por fim, este recorte da pesquisa mostra que a carta pedagógica, ao ser incorporada no cotidiano escolar de Ijuí, não apenas resgata o legado freireano, mas o reinventa em diálogo com as demandas atuais da educação infantil. Trata-se de uma prática que une memória e futuro, reafirmando a educação como espaço de participação, esperança e transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pedagogia Freireana, ao valorizar o diálogo como prática educativa, encontra na carta pedagógica um recurso potente de comunicação e formação. Mais do que um simples texto, a carta se torna um espaço de encontro entre educador e educando, em que a palavra escrita carrega intencionalidade, afeto e compromisso. Ao escrever cartas, Paulo Freire não apenas compartilha saberes, mas estabelece uma relação horizontal, convidando o leitor a participar ativamente do processo educativo, reconhecendo-o como sujeito histórico capaz de transformar sua realidade e se auto implicar com a qualidade da própria formação.

Nesse sentido, o uso das cartas como ferramenta pedagógica ultrapassa a dimensão informativa: elas são convites à reflexão crítica e à ação transformadora. Cada carta carrega uma pedagogia da esperança, pois não se limita a transmitir conteúdos, mas busca despertar



consciência, provocar questionamentos e estimular a autoria do leitor. A escrita epistolar, nesse contexto, é um gesto político e pedagógico, que reafirma a educação como prática de liberdade e como espaço de construção coletiva do conhecimento.

Assim, a carta pedagógica se configura como um legado vivo da prática freireana, capaz de inspirar educadores contemporâneos a reinventar suas formas de comunicação com os estudantes. Ao adotar esse recurso, o/a professor/a fortalece o vínculo com a comunidade escolar, promove o diálogo e assegura que a educação se mantenha como um processo humanizador. Dessa forma, a carta pedagógica não é apenas memória ou registro, mas uma prática que projeta futuro, alimenta a esperança e reafirma a crença na capacidade transformadora da educação.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registro de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha prática. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. RJ: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 23. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.